

COMPONENTES ENSINÁVEIS DA MEMÓRIA LITERÁRIA NO CADERNO DO PROFESSOR

Diana Ribeiro Guimarães (UFCG)

diana.rguimaraes@gmail.com

Edmilson Luiz Rafael (UFCG)

eluizrafael@gmail.com

Introdução

Ao apreciar os gêneros textuais como objeto de ensino, é importante que seja disponibilizada aos docentes e discentes, protagonistas desse processo, uma ferramenta didática de cunho analítico-descritivo que explicita as dimensões linguístico-discursivas do gênero a ser transposto para a sala de aula ou, como defendem os autores genebrianos Schneuwly & Dolz (2004), é necessária, antes de tudo, a construção de um *modelo didático* do gênero para proporcionar a sua transposição didática.

Um modelo didático é considerado, segundo Bronckart (2003), como a análise de um conjunto de textos do mesmo gênero, tendo como base as representações do contexto de produção e as três camadas do que o autor denomina de *folhado textual*: a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Desse modo, esses elementos de análise conseguem abranger os três níveis de capacidades de linguagem envolvidas na produção de um gênero (capacidades de ação, capacidades discursivas e capacidades linguístico-discursivas).

As afirmações anteriores coadunam com os direcionamentos alvitados pelos PCN's de Língua Portuguesa ao apontar em "Orientações didáticas específicas para alguns conteúdos", a necessidade de organizações didáticas especiais como, por exemplo, a elaboração do módulo didático, definido pelos documentos oficiais de ensino como "sequências de atividades e exercícios, organizadas de maneira gradual para permitir que os alunos possam, progressivamente, apropriar-se das características discursivas e linguísticas dos gêneros estudados, ao produzir seus próprios textos" (Brasil, 1998, p.88). Desse modo, subsidia-se a materialização de *sequências didáticas*, sendo essas consideradas como "um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito" (Dolz, Noverraz & Schneuwly, 2004, p.97).

Isso tudo implica afirmar que não se pode negar a imprescindibilidade do direcionamento do professor para o desenvolvimento das competências de leitura e escrita do aluno em determinadas situações comunicativas, através de uma ferramenta teórico-metodológica de ensino.

Preocupado em adotar essa perspectiva e preocupado com uma educação básica de qualidade, o Ministério da Educação (MEC), vinculado a outras instituições, está continuamente desenvolvendo ações educativas escolares para aprimorar o ensino no âmbito nacional e orientar as políticas públicas de educação básica.

Um exemplo disso é a *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro* (OLPEF), denominada na sua origem como "*Prêmio Escrevendo o futuro*" e resultante da parceria entre o MEC, a Fundação Itaú Social, e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), a qual tem como objetivo contribuir para a formação de professores, fornecendo-lhes materiais didáticos, nos quais são expostos procedimentos, estratégias e orientações de atividades aos docentes, a fim de

que esses possam mediar o processo de ensino e de aprendizagem da leitura e da escrita e de que, consecutivamente, os estudantes das escolas públicas brasileiras possam desenvolver a capacidade de ler e de escrever. Dentre os materiais oferecidos por essa instância político-educacional, encontra-se o Caderno do Professor, um dos objetos de nosso estudo.

Inserida no campo dos estudos da Linguística Aplicada e vinculada às discussões anteriores, esta pesquisa tematiza a didatização da Memória Literária no concurso da Olimpíada de Língua Portuguesa. A escolha por esse gênero se deu em razão de o mesmo já ter sido objeto de estudo em pesquisa anterior¹, na qual constatamos os aspectos textuais que compunham o gênero memória no espaço escolar. Além disso, o fato de o tema, proposto para a Memória Literária, estimular a valorização, pelo aluno, de experiências relatadas por pessoas idosas, descobrindo-as como parte da sua identidade sócio-histórica também foi um ensejo para esse desígnio.

Logo, a questão que orienta essa pesquisa é a seguinte:

(1) Que dimensões do gênero *Memória Literária* são contempladas no eixo de Produção no Caderno do Professor?

Orientada por esses questionamentos, a pesquisa em foco objetiva, de forma geral, analisar a contribuição de ferramentas teórico-metodológicas para o ensino de Língua Portuguesa, que focalizam o gênero como objeto de ensino para possibilitar a sua transposição didática para a sala de aula.

Para responder aos questionamentos propostos, propomos o seguinte objetivo específico:

a) Descrever as dimensões contempladas no Caderno do Professor para a abordagem do gênero *Memória Literária* nas atividades de Produção;

Considerando-se o fato de que a Olimpíada de Língua Portuguesa é uma das ações educativas de intervenção na Educação Básica do ensino nacional, realizada pelas políticas públicas educacionais, que visa reduzir o fracasso escolar inferido pelo resultado de avaliações como Provinha Brasil, SAEB, Enem e PISA, bem como aprimorar as habilidades de leitura e escrita e contribuir para a formação docente, em um projeto coletivo, esta pesquisa torna-se relevante no sentido de analisar se as ferramentas teórico-metodológicas oferecidas ao professor, pelas instâncias políticas, são realmente eficazes para a apropriação linguístico-discursiva de determinado gênero textual pelo aluno - objeto de ensino proposto pelos PCN's- no ensino de Língua Portuguesa.

Portanto, esta pesquisa, poderá colaborar com os estudos avaliativos sobre o planejamento de atividades didáticas satisfatórias ao ensino/aprendizagem da língua que focalizam os eixos de ensino – Leitura, Produção e Análise linguística- para a apropriação linguístico-discursiva dos gêneros textuais, como por exemplo, a elaboração de *modelos didáticos*, ao refletir sobre os impactos ocasionados por essas ferramentas metodológicas na produção final do aluno. Ademais, será possível analisar a influência da ação político-pedagógica do concurso da OLP para a formação contínua do professor, a partir do momento que ele aceita o compromisso de seguir as orientações propostas no “Caderno do Professor”.

¹ GUIMARÃES, Diana. **O gênero memória na escola:** características das versões oral e escrita. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal de Campina Grande. 93 p.

1 Memória Literária como um gênero discursivo

Determinados autores trabalham relacionando a teoria de gêneros textuais a de gêneros do discurso, enquanto outros optam por separar as duas vertentes. Rojo (2005) aponta, a partir da análise de estudiosos como Bronckart, Adam, Bakhtin, Faraco etc, que a primeira perspectiva se preocupa com a “descrição da composição e materialidade linguística dos textos no gênero” e a segunda com a “descrição das situações de produção dos textos/enunciados em seus aspectos sócio-discursivos”. Com isso, a autora conclui que todos os trabalhos acabam fazendo descrições de “gêneros, enunciados ou de textos pertencentes ao gênero”, o que muda, na verdade, é a seleção das perspectivas teóricas (enunciativas e/ou textuais) para a categoria de análise. Esclarecemos que, sem desconsiderar as demais nomeações, optamos por adotar a de *gêneros discursivos* (originada em Bakhtin).

Bakhtin (2000) aponta que os gêneros discursivos “tipos relativamente estáveis de enunciados” estão presentes em todo o tipo de atividade humana permeada pela linguagem verbal ou não verbal, guiando e organizando nossas ações sociais. Há, entretanto, algumas distinções entre o modo como interagimos com a linguagem nas diferentes situações em que nos encontramos, o que reflete, diretamente, na caracterização dos gêneros discursivos.

Para Bakhtin, os gêneros textuais dividem-se em *gêneros primários*, produzidos em situação espontânea com inserção imediata na realidade social, e *gêneros secundários*, que surgem em situações culturais mais complexas. Tal diferenciação é considerada de grande importância para o autor, permitindo a compreensão da “natureza complexa e sutil do enunciado” (BAKHTIN, 2000, p. 282).

Os gêneros do discurso primários passam por um processo bem simples, não exigindo um planejamento prévio nem um preparo por parte do enunciador, uma vez que são usados na “comunicação verbal espontânea”, como diz Bakhtin (2000, p. 281), predominando nos usos orais da língua. Trata-se, portanto, de gêneros em que há a dominância de relações espontâneas, cotidianas e imediatas.

Por outro lado, ao tratar-se dos gêneros do discurso secundários, teremos enunciados que exigem um planejamento verbal de seu autor: são elaborados para comunicação cultural mais complexa, com um predomínio de relações formais, mediadas, principalmente, pela leitura e pela escrita.

Há, ainda, casos em que gêneros primários se transformam em secundários, sendo incorporados por esses. Conforme Bakhtin (2000):

Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstância de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos discursos alheios. (BAKHTIN, 2000, p. 281).

Partindo dos pressupostos aqui apresentados, percebe-se que a contribuição de Bakhtin em relação aos gêneros textuais está exatamente em apontar que a situação comunicativa é que determina gêneros do discurso secundários para relações sociais que envolvem um nível maior de formalidade e gêneros do discurso primário para situações com um nível menor de formalidade

No caso do nosso *corpus*, consideramos a Memória Literária como um gênero secundário, visto tratar-se de um gênero escrito formal em que há um planejamento

linguístico marcado pelo uso da linguagem poética, para delinear a subjetividade do autor e se aproximar do leitor.

Além da divisão supracitada, Bakhtin (1992) em *Estética da Criação Verbal* propõe como encaminhamento metodológico para o estudo da língua a análise dos gêneros discursivos a partir de seu *conteúdo temático*, sua *estrutura composicional* e seu *estilo*. Essas três dimensões, apesar de possuírem características específicas, fundem-se compondo o gênero. Portanto, são indissociáveis e não há predomínio de uma sobre a outra.

Isso ocorre porque, embora se perceba individualmente esses elementos, a exemplo de nossa análise (ver capítulo 3), eles não funcionam de forma autônoma, um está intrinsecamente ligado ao outro, dependente do outro, num processo dialógico-discursivo.

Nesse sentido, para que um enunciado possa ser todo ele compreendido, é necessário considerarmos essas três características que o constituem, buscando identificá-las em estudos de gêneros discursivos, associadas ao contexto de produção, que nos dá pistas fundamentais para a recuperação de todo o conteúdo temático.

Como forma de abordar esses três elementos em estudos de gêneros discursivos, Mikhail Bakhtin apresenta uma ordem metodológica a ser seguida. Segundo o autor, o estudo da língua deve levar em consideração:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que se constituem os elementos, isto é, as categorias dos atos de fala na vida e na criação ideológica, que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 124).

Tal ordem é proposta por Bakhtin/Volochinov (2004) com a seguinte justificativa:

É nessa mesma ordem que se desenvolve a evolução real da língua: as relações sociais evoluem (em função das infraestruturas), depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos atos de fala evoluem em consequência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p.124).

Relacionando esta ordem metodológica com a teoria dos gêneros discursivos, a sugestão apontada pelos autores é que o primeiro ponto a ser analisado em um gênero discursivo seja o conteúdo temático, seguido da estrutura composicional e do estilo.

Analisando-se essas dimensões no gênero textual Memória Literária, podemos afirmar que ele tem como *conteúdo temático* uma história de recordações vividas pelo indivíduo em um tempo passado.

Compreendemos que o *conteúdo temático* é inseparável do *contexto de produção*, sendo essa uma terminologia apontada por Bronckart (1999), estudioso que se aproxima das ideias de Bakhtin, uma vez que a sua teoria igualmente defende que o princípio fundamental do sociointeracionismo é o lugar e o meio em que os indivíduos interagem socialmente.

Conforme Bronckart (1999, p. 92), para produzir um texto, o produtor deve mobilizar algumas de suas representações sobre os mundos. Essa mobilização é feita em duas direções distintas: em relação ao contexto de produção textual e em relação ao conteúdo temático ou referente.

O contexto de produção se refere ao conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado. Esses fatores se referem ao mundo físico e ao mundo social e ao subjetivo.

No primeiro caso, todo texto é o resultado de um ato realizado em um contexto "físico" (no espaço e no tempo). Esse mundo físico é definido por quatro parâmetros: 1- *lugar de produção* (lugar físico onde o texto é produzido); 2- *o momento de produção* (a extensão do tempo durante a qual o texto é produzido); 3- *o emissor* (a pessoa que elabora o texto, ou na modalidade oral ou na modalidade escrita); 4- *o receptor* (a(s) pessoa(s) que recebe(m) concretamente o texto).

No segundo caso, todo texto é inscrito no quadro das atividades de uma formação social, que implica o mundo social e o subjetivo. Esse mundo sócio-subjetivo é decomposto em quatro parâmetros: 1- *lugar social*, em que modo de interação o texto é produzido; 2- *a posição do emissor*, que papel social o emissor desempenha na interação em curso; 3- *a posição social do receptor*, papel social atribuído ao receptor do texto; 4- *objetivo da interação*, que efeito o enunciador quer produzir no destinatário através do texto.

Já o conteúdo temático de um texto se refere ao conjunto de informações que nele são explicitamente apresentadas. Esses conhecimentos variam em função da experiência e do nível de desenvolvimento do produtor.

No entanto, devemos estar atentos à má interpretação que pode ser gerada a partir dessa informação, para não reduzirmos a significação do tema à interpretação do que está dito no texto e nada mais, pois como bem afirmam Bakhtin/Volochinov, a interpretação é apenas o "estágio inferior da capacidade de significar". Para chegar a uma compreensão completa precisamos conhecer seu conteúdo temático, já que ele "é um atributo apenas da enunciação completa" (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 130).

O contexto de produção está, por assim dizer, ligado à história, à cultura, às ideologias e à identidade, permitindo, por meio de uma análise aprofundada de um gênero discursivo, a recuperação de todos esses aspectos, o que constitui o primeiro passo de análise de um gênero discursivo, segundo o proposto por Bakhtin/Volochinov (2004), quando se aborda o conteúdo temático.

Nessa perspectiva, o conteúdo temático pode ser compreendido como o assunto sobre o qual se fala, desde que vinculado à situação comunicativa em que foi criado, revelado, então, pelas formas linguísticas e pelos elementos não verbais da situação. Em outras palavras: estudar o conteúdo temático de um gênero significa extrapolar o que está dito no texto, relacionando a análise com o mundo real, localizando-o na história e definindo-o a partir de características culturais de uma época.

Ainda segundo Baltar (2006), o conteúdo temático é composto por informações explícita e implicitamente contidas nos textos, apresentadas pelas suas unidades proposicionais (ou semânticas). São, portanto,

[...] representações interiorizadas do agente produtor do texto. São conhecimentos que vão variar de acordo com suas experiências vividas, seus conhecimentos prévios de mundo, que estarão disponíveis em sua memória e que serão atualizados no momento da ação de linguagem. (BALTAR, 2006, p. 69).

Quanto ao segundo encaminhamento proposto por Bakhtin, "as formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos" (BAKHTIN, 1992, p.124), ou seja, a *estrutura composicional*, o gênero, em estudo, apresenta, predominantemente, a sequência

narrativa. Trata-se de uma narração curta, produzida a partir de um acontecimento real, na qual histórias vivenciadas pelo narrador são contadas em forma de memórias que, como em outras narrativas, também apresenta uma estrutura composta pelos elementos: espaço, tempo, personagens, narrador e enredo.

Com o intuito de compreendermos e ilustrarmos melhor as características da Memória Literária, selecionamos o texto “Os automóveis invadem a cidade”, de Zélia Gattai (1916-2008), publicado na obra “Anarquistas, graças a Deus”, da editora Record, no ano de 1986. A obra, que marca a estreia da escritora e teve sua primeira edição publicada em 1979, apresenta reminiscências sobre a infância de Zélia e sobre a situação do nosso país na primeira metade do século XX. Entretanto, o texto, em estudo, foi retirado do Caderno do Professor *Se bem me lembro*, o qual apresenta treze textos do gênero Memórias Literárias, todos destinados à leitura e à investigação de características do gênero, para posterior produção escrita de textos do mesmo gênero.

Os automóveis invadem a cidade

Zélia Gattai

Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranquila. Poderia ser ainda mais, não fosse a invasão cada vez maior dos automóveis importados, circulando pelas ruas da cidade; grossos tubos, situados nas laterais externas dos carros, desprendiam, em violentas explosões, gases e fumaça escura. Estridentes fonfons de buzinas, assustando os distraídos, abriam passagem para alguns deslumbrados motoristas que, em suas desabaladas carreiras, infringiam as regras de trânsito, muitas vezes chegando ao abuso de alcançar mais de 20 quilômetros à hora, velocidade permitida somente nas estradas. Fora esse detalhe, o do trânsito, a cidade crescia mansamente. Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos; nem mesmo o “Prédio Martinelli” – arranha-céu pioneiro em São Paulo, se não me engano do Brasil – fora ainda construído.

Não existia rádio, e televisão, nem em sonhos. Não se curtiá som em aparelhos de alta fidelidade. Ouvia-se música em gramofones de tromba e manivela. Havia tempo pra tudo, ninguém se afobava, ninguém andava depressa. Não se abreviavam com siglas os nomes completos das pessoas e das coisas em geral. Pra que isso? Pra que o uso de siglas? Podia-se dizer e ler tranquilamente tudo, por mais longo que fosse o nome por extenso – sem criar equívocos – e ainda sobrava tempo para ênfase, se necessário fosse.

Os divertimentos, existentes então, acessíveis a uma família de poucos recursos como a nossa, eram poucos. Os valores daqueles idos, comparados aos de hoje, no entanto, eram outros; as mais mínimas coisas, os menores acontecimentos, tomavam corpo, adquiriam enorme importância. Nossa vida simples era rica, alegre e sadia. A imaginação voando solta, transformando tudo em festa, nenhuma barreira a impedir meus sonhos, o riso aberto e franco.

Os divertimentos, como já disse, eram poucos, porém suficientes para encher o nosso mundo.
(Anarquistas Graças a Deus. 11. Ed., Rio de Janeiro: Record, 1986)

De acordo com Clara, Altenfelder e Almeida (2010), autoras do Caderno do Professor *Se bem me lembro*, “em geral, o início de um livro, ou mesmo de um capítulo de memórias literárias, é dedicado a situar o leitor no tempo e, principalmente, no espaço em que se passam as lembranças do narrador” (CLARA, ALTENFELDER e ALMEIDA, 2010, p.56). Essa característica das Memórias Literárias está manifesta no texto transcrito. Ao iniciar com “Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranquila”, Zélia Gattai situa o leitor, apontando para uma época diferente da atual e apresenta-lhe o ambiente que será parcialmente descrito na obra.

Outro aspecto a ser observado na estrutura composicional do gênero Memórias Literárias refere-se à conclusão do texto, que a exemplo do restante do enredo, deve também envolver o leitor. Conforme Clara, Altenfelder e Almeida (2010), a conclusão de um texto de memórias literárias pode ser realizada por meio de uma cena ou um fato vivido pelo narrador em um momento passado ou ainda, com o deslocamento desse autor-narrador-personagem para o presente. No caso de “Os automóveis invadem a

cidade”, ocorre a manifestação de fatos vividos no passado. Os três últimos períodos do texto revelam como era a vida naquele momento: “Nossa vida simples era rica, alegre e sadia”. O lirismo é evidente na narrativa da autora ao apontar que, apesar de serem poucos, os divertimentos eram “suficientes para encher o nosso mundo”.

Um traço peculiar das Memórias é a presença de palavras e expressões, conforme apontado por Lima (2009), que transportam o leitor para certa época do passado. Em “Naqueles tempos, a vida em São Paulo...” e “Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos; nem mesmo o ‘Prédio Martinelli’ - arranha-céu pioneiro em São Paulo, se não me engano do Brasil - fora ainda construído” ficam evidentes essas características.

Indispensável também é a apresentação do texto com narrador em primeira pessoa, representado por pronomes e verbos, predominantemente, em primeira pessoa “Os divertimentos, como já disse” e alguns na terceira pessoa do plural. Trata-se de um narrador que conta o que viveu, imprimindo à sua história um único ponto de vista: o seu próprio.

O terceiro passo proposto por Bakhtin para o estudo da língua, o “exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual”(BAKHTIN, 1992, p.124), refere-se à análise do *estilo* do gênero. Para o autor, alguns gêneros apresentam um estilo bastante individual, devido às próprias características que possuem.

Conforme já apontado, o texto literário utiliza-se de recursos voltados ao fazer estético, próprio de quem se coloca dentro da esfera literária. Clara, Altenfelder e Almeida (2010) evidenciam esse traço do gênero apontando que, em textos de Memórias Literárias, ao descrever um objeto, uma personagem, um sentimento, os autores utilizam a linguagem para criar imagens, provocar sensações, ressaltar determinados detalhes ou características. A articulação desses recursos proporciona ao leitor uma experiência estética particular. (CLARA, ALTENFELDER e ALMEIDA, 2010, p. 81).

Em se tratando do texto estudado, observamos que a descrição que permeia as sequências narrativas é um traço característico no estilo da autora. Ao descrever os automóveis que invadem a cidade, Zélia Gattai utiliza diversos adjetivos, objetivando impressionar o leitor, conduzindo-o a uma imaginação detalhada da cena. Nos trechos “a invasão cada vez maior dos automóveis importados”, “grossos tubos, situados nas laterais externas dos carros”, “Estridentes fonfons de buzinas, assustando os distraídos”, notamos a presença de descrições que contribuem para o sentido que a autora quer atribuir à presença dos automóveis.

A recorrência às figuras de linguagem é um exemplo dessa caracterização que faz parte do estilo das Memórias Literárias. Fragmentos como “A imaginação voando solta, transformando tudo em festa, nenhuma barreira a impedir meus sonhos, o riso aberto e franco” comprovam esse traço literário das memórias. O uso de expressões e termos típicos do vocabulário da época em que os fatos aconteceram, também faz parte do estilo desse gênero. O texto de Zélia Gattai, ao apresentar termos como “gramofones de tromba e manivela”, mostra um vocabulário típico da época para a qual remontam as memórias contadas.

Em suma, ao avaliarmos o gênero Memórias Literárias de acordo com o percurso metodológico definido por Bakhtin (1992), podemos compreender que ela se trata de um gênero com características próprias, relativamente estáveis, associadas ao caráter social da esfera a que pertence.

2 Componentes ensináveis da Memória Literária nas atividades de Produção no Caderno do Professor

Para tornar o presente artigo – recorte de um estudo mais amplo- mais sustentável, baseamo-nos, teoricamente, nos eixos didáticos norteadores do ensino de língua–Leitura, Análise Linguística e Produção Textual -, propostos por Geraldini (1997), para analisarmos como se apreende, nas atividades das oficinas, os elementos que, segundo Bakhtin (2000), constituem um gênero - conteúdo temático, estrutura composicional e estilo- acrescidos do contexto de produção, que também consideramos, em nosso estudo, como uma dimensão ensinável e de que maneira eles estão vinculados ao eixo de Produção.

A análise prévia do Caderno do Professor permitiu-nos comprovar que a maioria das oficinas propostas pela sequência didática do Caderno do Professor “Se bem me lembro”, num total de treze, estão direcionadas para o eixo de ensino “Leitura e Análise Linguística e Textual” e apenas três das oficinas direcionam-se para o eixo “Produção”.

Além disso, observamos de modo geral que a dimensão *estilo* se sobrepõe em relação ao *conteúdo temático*, à *estrutura composicional* e ao *contexto de produção*, já que ele é contemplado tanto nas atividades de Leitura e de Análise Linguística quanto nas de Produção.

Ao observarmos o Caderno do Professor, o fato de os eixos de Leitura e Análise Linguística se sobressaírem em relação ao eixo de Produção nos deixou intrigado, uma vez que o concurso da Olimpíada, atrelada aos encaminhamentos didáticos do grupo de Genebra, apresenta um enfoque contundente na formação do produtor proficiente de textos, conforme exposto na apresentação do Caderno:

Entretanto, **o que se pretende sobretudo é incentivar a escrita**. Por isso, essa Olimpíada acertadamente afirma que estamos em uma “batalha” e para ganhá-la precisamos de armas adequadas, de desenho de estratégias, de objetivos claros e de uma boa formação dos atores envolvidos. (CLARA, ALTENFELDER e ALMEIDA, 2010: 11, **grifo nosso**)

Acreditamos que ao almejar o ensino da produção de gêneros textuais, a proposta do Caderno deveria realinhar seu enfoque e proporcionar mais oficinas direcionadas à escrita, já que o resultado de exames de avaliações externas, a exemplo de SAEB, PROVA BRASIL, como também de estudos acadêmicos, apontam um *déficit* na escrita dos alunos. A partir dessa constatação, resolvemos analisar os componentes constituintes da Memória Literária a partir do eixo Produção, no intuito de comprovarmos se, nesse curto espaço (4 oficinas), todas as dimensões do gênero são devidamente trabalhadas e se a dificuldade de os alunos se adaptarem às diferentes situações de comunicação dos gêneros pode estar atrelada à prática ínfima de escrever.

A proposta de produção da Memória Literária materializa-se, no Caderno, através de três oficinas: primeiro, a partir de uma produção diagnóstica; em seguida, de uma produção coletiva e por fim, da produção final individual.

As atividades dessas oficinas ressaltam, em seu conjunto, todos os elementos, considerados constituintes do gênero (*conteúdo temático*, *estrutura composicional*, *estilo* e *contexto de produção*), embora uns destaquem-se mais em umas atividades do que em outras, como podemos observar na figura a seguir:

- ▶ O primeiro texto será feito com base na pesquisa sugerida na Oficina 1, quando os alunos conversaram com pessoas mais velhas da comunidade, e na Oficina 3, quando realizaram leituras e reflexões com base em alguns fragmentos de textos. Analise com eles o que foi feito, retomando os quadros organizados pelos grupos, e peça-lhes que escolham um dos entrevistados.
- ▶ Em seguida, explique aos alunos que deverão se colocar no lugar de uma pessoa mais velha para escrever as memórias dela, em primeira pessoa. Finalmente, enfatize que o texto será produzido com base nos fatos que conheceram durante a conversa com as pessoas que foram contatadas para emprestar os objetos antigos, mas cada aluno poderá imaginar como os fatos ocorreram e como aquela pessoa viveu o(s) episódio(s) narrado(s), pois um pouco de imaginação pode ajudar a seduzir o leitor.

Figura 1– Atividades da Oficina 2

A figura transcrita acima, retirada da Oficina 4 *Primeiras linhas*, demonstra que é contemplada, primeiramente, nessas atividades iniciais de produção do gênero, a dimensão do *contexto de produção* ao mencionar que os alunos, enquanto autores da Memória Literária “*deverão se colocar no lugar de uma pessoa mais velha*”. Em seguida, ressalta-se o *conteúdo temático* nas prescrições do Caderno “*enfatize que o texto será produzido com base nos fatos que conheceram durante a conversa com as pessoas contatadas*” e, por fim, o *estilo* ao mencionar que “*um pouco de imaginação pode ajudar a seduzir o leitor*”.

O objetivo das atividades nessa etapa inicial de produção é recuperar o que os alunos sabem sobre o gênero. Devido o objetivo a que se propõe, nesse momento, observamos que a *estrutura composicional* só é destacada, juntamente com as dimensões supracitadas, nas atividades da produção coletiva (oficina 14 anterior à oficina de produção final), quando o professor deve produzir, juntamente com os alunos, um exemplar da Memória Literária e, durante esse processo, mostrar as características linguístico-discursivas, inerentes a esse gênero.

Isso nos leva a compreender que a noção pressuposta pelo Caderno do Professor para o ensino é a de que se aprende a escrever, a partir de uma amostragem de um “modelo” que abarque todas as dimensões. Essa compreensão inicial também demonstra a representação de um professor mecânico, subordinado às prescrições do Caderno, já que esse indica além das atividades, o tempo das oficinas e todos os passos.

- ▶ Embora nem sempre um texto de memórias literárias comece assim, podemos dizer que no primeiro parágrafo da produção é importante que o entrevistado se apresente. Lembre à turma que essa informação será muito importante para que o leitor possa acompanhar a narrativa. Afinal, diferentemente dos autores já conhecidos por muitos leitores, as personagens escolhidas pelos estudantes precisam ser apresentadas aos futuros leitores.

Figura 2 – Atividade sobre o contexto de produção da Memória Literária

Na atividade exposta, conforme podemos comprovar, além de ser situada a *estrutura composicional* ao afirmar que *no primeiro parágrafo da produção é*

importante que o entrevistado se apresente é retomado também o contexto de produção da Memória Literária ao apresentar que diferentemente dos autores já conhecidos por muitos leitores, as personagens escolhidas pelos estudantes precisam ser apresentadas aos futuros leitores, evidenciando a existência real de um interlocutor.

Além das dimensões mencionadas, é apresentado nessa etapa de produção coletiva e amostragem da composição do gênero, o *estilo* do autor do texto de Memórias, que assim como a *estrutura composicional* é bem demarcado na oficina em análise:

- ▶ O texto deve manter aquele tom agradável de conversa, mas é necessário observar que agora se trata de uma produção literária, cuja linguagem necessitará de ajustes.

Figura 3 – Atividade sobre o estilo da Memória Literária

O *estilo* da Memória Literária, em conformidade com a figura 12, diz respeito à maneira de se expressar, vinculada à situação de produção do gênero “produção literária”, que determina as suas individualidades *O texto deve manter aquele tom agradável de conversa.*

O *conteúdo temático* é outra dimensão que não poderia deixar de salientar-se na oficina de Produção coletiva, uma vez que o aluno deverá escrever “*as lembranças do entrevistado sobre o lugar onde vive*” e que segundo as prescrições do Caderno deve ser “*o fio condutor*”, como atesta a figura seguinte:

- ▶ O fio condutor deve ser o tema escolhido, por exemplo, as lembranças do entrevistado sobre o lugar onde vive. As referências a esse lugar, ao longo do texto, ajudam a manter a unidade.

Figura 4 – Atividade sobre o conteúdo temático

Ainda no que se refere ao eixo de Produção, temos a oficina 15 (Agora é sua vez), na qual o aluno, baseado no que fora exposto ao longo das atividades das oficinas anteriores e nas produções já realizadas, deverá produzir individualmente o texto de Memórias Literárias.

- Atividades**
- ▶ Para a produção do texto individual, os alunos devem retomar os dados sobre o entrevistado eleito.
 - ▶ Comece recuperando o que já foi trabalhado. Lembre-os de:
 - ▶ retomar as informações dadas pelo entrevistado no depoimento;
 - ▶ selecionar as histórias e os fatos mais interessantes e pitorescos;
 - ▶ transmitir ao leitor as sensações e emoções que surgiram durante a entrevista;
 - ▶ citar objetos e costumes de antigamente, fazendo comparações entre o passado e o presente;
 - ▶ usar palavras e expressões que marquem o tempo passado;
 - ▶ mostrar os sentimentos e sensações rememorados pelo entrevistado: cores, cheiros, sabores e movimentos;
 - ▶ lançar mão de recursos literários para tornar o texto interessante.

Figura 5 - Atividades da Oficina 15

Nessa etapa de produção final, considerada a mais “esperada”, pelo fato de o aluno poder demonstrar o que apreendeu sobre o gênero, as atividades sinalizam que o professor “*recupere o que já foi trabalhado*”.

Nesse processo de retomada, evidenciamos que é contemplada a dimensão do *contexto de produção* atrelada a de *conteúdo temático* quando é dito, nas duas primeiras atividades, que os alunos devem “*retomar as informações dadas pelo entrevistado e selecionar as histórias mais interessantes*”. Já nas demais prescrições, a atenção é voltada para o *estilo*, a exemplo da seguinte orientação: “*lançar mão de recursos literários para tornar o texto mais interessante*”, desprezando-se, assim, a *estrutura composicional* do gênero, o que nos leva a afirmar que essa dimensão não é tão cobrada pelo concurso nessa etapa final, pelo fato de já ter sido permitida a visualização estrutural desse gênero e, portanto, a suposta assimilação por parte dos alunos nas oficinas anteriores.

Além disso, possivelmente, o *estilo* se sobrepõe em relação aos outros elementos nas atividades de Produção, por também ter sido o que fora mais trabalhado nas atividades das oficinas de *Leitura e Análise Linguística*. Essas atividades tinham o propósito de demarcar as singularidades estéticas da Memória Literária, já que essas representam um ato discursivo assumido por quem as escreve e, portanto, para que se escrevam bons textos desse gênero, que atendam ao propósito da Olimpíada, o aluno-autor precisa narrar as experiências de outras pessoas como se fossem suas, mesclando realidade com ficção, através da linguagem literária.

Considerações Finais

Não questionamos, certamente, o valor de um concurso dessa natureza e porte enquanto estratégia de mobilização docente e estudantil em torno da palavra escrita e de tudo o que isso significa; é incalculável a extensão de seus efeitos, sobretudo quando consideramos o peso do envolvimento do MEC no projeto.

Contudo, acreditamos que ao almejar o ensino da produção de gêneros textuais, a proposta do Caderno deveria realinhar seu enfoque e proporcionar mais oficinas direcionadas à escrita, já que o resultado de exames de avaliações externas, a exemplo de SAEB, PROVA BRASIL, como também de estudos acadêmicos, apontam um *déficit* na escrita dos alunos e objetivo a que se propõe a Olimpíada é justamente o desenvolvimento da escrita.

Ademais, deveria ser repensada a representação mecânica do professor, pois, aparentemente, a concepção de ensino do gênero Memória Literária, que parece prevalecer é a de um modelo estático de texto.

Referências Bibliográficas

ALTENFELDER, N. A; CLARA, A. R. Se bem me lembro. In.: **Caderno do professor**. São Paulo. Cenpec: Fundação Itaú Social; Brasília, DF: Mec, 2010. Coleção da Olimpíada

ARAGÃO, M.L. Memórias Literárias na Modernidade. In: **Revista 003**. Jan./Junh. 1992, Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r3/revista3_6.pdf>. Acesso em 01/04/2012

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2000.

_____, VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, [1929] 2004.

BARTLETT, F. C. *Remembering: A study in experimental and social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1932.

BONINI, Adair. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L., BONINI, Adair, MOTTA-ROTH, Désirée. (org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. (p.208-236).

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRONCKART, J-P. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Rachel machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 2003.

CLARA, Regina Andrade; ALTENFELDER, Anna Helena. **Se bem me lembro.../ 1. Memórias (Gênero literário) 2. Olimpíada de Língua Portuguesa 3. Textos - 2008**.

COSTA, I. J. M. & GONDAR, J. **Memória e espaço**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000

CRISTOVÃO, V. L. L. Modelo didático de gênero como instrumento para formação de professores. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros textuais: subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru: Edusc, 2002. p. 31-73.

de PIETRO, J.-F.; S. ERARD & M. KANEMAN-POUGATCH (1997). **Un modèle didactique du "débat": de l'objet social à la pratique scolaire**. Enjeux: 39:40.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabrício. **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

GEDOZ, S. & COSTA-HUBES, T. da C. **A Leitura do Gênero Discursivo Memórias Literárias a Partir de um Olhar Bakhtiniano**. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 13/2, p. 253-273, dez. 2010

GONÇALVES, Adair. Ferramentas didáticas e ensino: da teoria à prática de sala de aula. In: NASCIMENTO, Elvira. **Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino**. São Carlos, SP: Claraluz, 2009. p. 225-248.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

ROJO, R. H. R. Modelização didática e planejamento: duas práticas esquecidas do professor? In: KLEIMAN, A. (org). **A formação do professor: perspectiva da Linguística Aplicada**. São Paulo: Mercado de letras, 2001.

SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares- das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.